



Resenha

O sentido do humano: entre fenomenologia, psicologia e psicopatologia

The sense of human: among phenomenology, psychology and psychopathology

Alice Togni
Università del Salento
Itália

Ales Bello, A. (2016). *Il senso dell'umano: tra fenomenologia, psicologia e psicopatologia*. Roma: Castelvechi.

O último livro de Angela Ales Bello (2016), *Il senso dell'umano: tra fenomenologia, psicologia e psicopatologia*, juntamente aos anteriores *Il senso delle cose: per un realismo fenomenologico* (Ales Bello, 2013) e *Il senso del sacro: dall'arcaicITÀ alla desacralizzazione* (Ales Bello, 2014), coloca-se numa linha de pesquisa ampla, uma busca de sentido, que visa superar os limites de uma investigação meramente naturalista.

Neste livro, de modo particular, no centro da indagação está a relação entre fenomenologia, psicologia e psicopatologia. A autora parte do pressuposto de que, entre as diversas posições filosóficas, a impostação fenomenológica é aquela que é mais capaz de oferecer um acesso privilegiado à comparação e diálogo dentre as referidas disciplinas, proporcionando as bases para compreender a gênese, o valor e os objetivos de cada uma delas. Portanto, não é casual o fato do livro em questão ter sido intencionalmente dedicado aos psicólogos e psicoterapeutas brasileiros que, orientados para uma pesquisa “qualitativa” em psicologia – mais humanística que experimental – nos últimos quinze anos colaboraram com a autora na busca por um aprofundamento das relações entre psicologia e antropologia fenomenológica.

O título da obra reflete a própria estrutura da investigação, dividida em duas partes. A primeira, *Antropologia filosófica e psicologia: la proposta fenomenologica*, analisa o pensamento de Edmund Husserl e Edith Stein, pontuando especialmente sua posição diante da psicologia. A segunda, por seu turno, concerne expressamente à psicopatologia fenomenológica, com atenção particular à perspectiva de Binswanger e Callieri. A partir destes dois autores são elaborados critérios interpretativos da situação psicopatológica, ancorados em uma abordagem filosófica da complexidade do ser humano, abordagem esta voltada para a multiplicidade das dimensões humanas, incluindo aquela religiosa.



O ponto de partida encontra-se em uma análise do papel da psicologia em Husserl, cuja compreensão é possibilitada por um esclarecimento da novidade da fenomenologia husserliana indicada pela expressão “voltar às coisas mesmas” (*Zu den Sachen selbst*). Com efeito, a fenomenologia é, antes de mais nada, um interrogar-se acerca do sentido das coisas e acerca de quem busca o sentido. Trata-se de uma indagação antropológico-filosófica que pretende ser uma reflexão/descrição dos fenômenos que se apresentam à subjetividade humana, em primeiro lugar os fenômenos chamados *Erlebnisse*, ou seja, as vivências conscientes, que não devem ser confundidas com os estados psíquicos.

Husserl, baseado no ensinamento de Brentano (de quem fora aluno em Viena juntamente com Freud), foi solicitado a explorar o território da subjetividade, adentrando a esfera da interioridade por meio de um procedimento de “escavação arqueológica” que o conduziu a distinguir vivências psíquicas e vivências puras. A nova esfera do ser aberta pela fenomenologia é justamente a descoberta das vivências puras, a consciência pura transcendental que pode ser alcançada por meio dos “caminhos da redução”. Por redução entende-se uma precisa operação metódica voltada para eliminar o que é supérfluo para atingir a meta. Husserl fala em “caminhos” no plural porque ele, inicialmente, segue o caminho cartesiano; ao passo de que, depois, orienta-se em direção ao caminho psicológico e por meio dele chega a captar a “correspondência extraordinária entre a dimensão psíquica e a dimensão transcendental” no sentido de que a vida psíquica, analisada em sua pureza, revela-se como a mesma vida transcendental.

Trata-se de um resultado surpreendente que deve ser entendido de modo correto: a identificação entre psicologia pura e fenomenologia transcendental deve ser lida no seio da conturbada relação entre fenomenologia e psicologia que atravessa a inteira produção husserliana em termos de contraposição e paralelismo.

Para compreender plenamente esta relação é indispensável uma consideração preliminar acerca da especificidade da psicologia, que Husserl desenvolve de modo duplo: além de descrever a psicologia contemporânea, propõe também um novo estatuto epistemológico da psicologia. Nesse sentido, a fenomenologia pretende ser uma ciência *a priori* para uma psicologia autêntica, cuja fundação é parte integrante do projeto husserliano e, como tal, é retomada e aprofundada por sua discípula Edith Stein que, em 1922, no *Jahrbuch* dirigido por Husserl, publica dois ensaios – um sobre causalidade psíquica e outro sobre indivíduo e comunidade – recolhidos de modo emblemático sob o título de *Contribuições para uma fundação filosófica da psicologia e das ciências do espírito*. Com efeito, após alguns anos, em 1925, Husserl dedica um curso inteiro a esses temas, propondo uma autêntica “nova psicologia”: uma psicologia fenomenológica capaz de oferecer um ponto de partida para a passagem à fenomenologia transcendental, a única filosofia verdadeiramente radical, capaz de superar a atitude naturalística. O abandono desta atitude, por meio da operação metódica da *epoché*, possibilita uma psicologia pura, eidética, que se identifica com



a fenomenologia transcendental no nível da dimensão transcendental das vivências. Para chegar a este resultado, porém, não é suficiente uma redução à interioridade psíquica: as vivências devem ser registradas no nível da consciência, apreendidas na universalidade de sua estrutura intersubjetivamente válida.

Portanto, a dimensão transcendental deve ser entendida como uma espécie de “terceira dimensão” com respeito seja ao âmbito da natureza, seja ao âmbito da psique (mesmo sendo próximo a ele). As flutuações concernentes à relação entre fenomenologia e psicologia presentes nos textos husserlianos devem ser reconduzidas ao esforço de definir o “território” dessa dimensão. Apesar disso, é inegável a influência que essas investigações exerceram em inúmeras escolas de psicologia: a escola de Würzburg, por exemplo, e também o grupo de psicólogos que se uniu a Husserl em Göttingen. Além destes, destaca-se o próprio projeto husserliano de uma psicologia fenomenológica, que encontrou continuidade no continente americano por meio de seus alunos Aron Gurwitsch e Dorion Cairns. Enquanto a *Gestaltpsychologie* e a escola austríaca permaneceram ligadas ao ensinamento de Stumpf e Brentano, o método husserliano representou um terreno fértil também para o início das pesquisas de Maurice Merleau-Ponty e Amedeo Giorgi, entre outros.

No contexto desta resenha, um lugar especial cabe evidentemente a Edith Stein que, sobretudo com suas duas primeiras obras, ofereceu uma contribuição importante à escola fenomenológica da psicologia. A ela é dedicado o segundo capítulo da obra, no qual Ales Bello desenvolve a compreensão do significado da “psique” começando de modo emblemático com uma referência a uma conferência de Stein em 1929 sobre *Os tipos de psicologia e seu significado para a pedagogia*. Ao longo desta conferência, de fato, não apenas são delineadas as diversas correntes da psicologia, como também é enfatizado o fato de que, para além das diferenças, todas elas são investigações voltadas para a interioridade. Dentre elas, uma atenção particular é dedicada às peculiaridades da psicologia metafísica/racional e da psicologia empírica: estes dois modelos são reconduzidos respectivamente à indagação filosófica acerca da essência da alma realizada pela Escolástica e à imposição de teor naturalista que dominou o panorama da cultura ocidental a partir da Idade Moderna. Contrapõem-se a esta última corrente, definida como psicologia *explicativa*, a psicologia *descritiva* e a *compreensiva*, as quais encontram em Brentano e Dilthey seus maiores representantes, sendo eles apreciados – mesmo que com certo distanciamento – por Husserl e Stein. Com efeito, na perspectiva de Husserl e Stein, somente a fenomenologia, com suas análises dos *Erlebnisse*, pode fornecer uma base sólida para a psicologia, permitindo esclarecer as relações entre vivências psíquicas e vivências puras. Na dimensão pura da consciência não cabe nenhum acontecimento causal, ao passo que no nível da psique é presente uma forma de causalidade não determinista, diferente da causalidade física.

Ainda no segundo capítulo, Ales Bello mostra como Stein, retomando parcialmente a lição de Bergson acerca das diferenças de intensidade da vida psíquica, relaciona a



causalidade psíquica à força vital (*Lebenskraft*) presente no interior do ser humano. As vivências puras, ao contrário, são conexas entre si por nexos motivacionais, descritos por Stein, na esteira de Husserl, como um confluir das vivências umas nas outras, um completar-se recíproco. A motivação pode ser implícita ou explícita, mais ou menos razoável conforme haja acordo entre motivo (*Motiv*) e razão (*Grund*) –, mas em todo caso, ela se manifesta de modo intenso apenas no caso de atos livres. Todavia, há uma interconexão entre causalidade e motivação: a vida psíquica configura-se como a ação combinada de diversas forças, não apenas uma força sensível, mas também uma força espiritual, que por sua vez, abre-se ao mundo objetivo para adquirir novos impulsos.

Desse modo, as análises fenomenológicas permitem delimitar o campo próprio da psique e do espírito, distinguindo os âmbitos da psicologia e das ciências do espírito e subdividindo-os nas dimensões empírica e pura. Resulta a impossibilidade da psicologia se constituir como ciência exata, bem como a necessidade de inverter a atitude da indagação: o método deve partir da estrutura do objeto – no caso da psicologia, da estrutura da psique – cuja compreensão implica uma investigação preliminar das vivências. Este é o sentido do “retorno às coisas mesmas” da fenomenologia husserliana: a indagação deve deixar-se guiar não pela teoria, e sim pelas coisas, pelo objeto, substituindo a análise à dedução, denunciando os limites de uma abordagem científica e filosófica que parte “do alto” (*von oben*). Husserl e Stein se contrapõem às correntes dominantes contemporâneas e propõem uma perspectiva diferente, voltada para uma autêntica compreensão da estratificação do ser humano como corpóreo, psíquico e espiritual.

A proposta de uma antropologia filosófica inerente ao projeto fenomenológico é assumida e elaborada pelo psiquiatra e filósofo suíço Ludwig Binswanger, a quem é dedicado o primeiro capítulo de *Psicopatologia fenomenológica*, a segunda parte do livro de Angela Ales Bello. No percurso de Binswanger, apesar da forte influência de Freud, o encontro com a fenomenologia de Husserl marca uma reviravolta: segundo a autora, ele capta de modo autêntico a função da fenomenologia husserliana com relação a todas as formações culturais, isto é, sua função “regressiva” até a descoberta da gênese dos conhecimentos.

Portanto, em comparação com as demais perspectivas, incluindo a de Freud, Binswanger atribui a Husserl o mérito de ter distinguido a dimensão psíquica e a dimensão transcendental. Segundo Binswanger, esta distinção é indispensável para apreender de modo essencial as formas imanentes à consciência. Não é suficiente a escavação da psique de teor psicanalítico: é preciso partir das vivências conscientes. Ales Bello mostra como Binswanger, na conferência *Sobre a fenomenologia*, confere à fenomenologia a tarefa de fornecer o fundamento da psicologia e, sobretudo, da psicopatologia. Este fundamento não se limita apenas ao plano descritivo, mas busca apreender a «*Sache*», a essência do fenômeno no contexto da “pessoa”, do eu. Segundo o psiquiatra suíço, com efeito, a humanidade que sofre



constitui-se numa fonte e numa comprovação das afirmações teóricas: a análise teórica do distúrbio mental é insuficiente. Nesse sentido, é emblemática sua aplicação do método fenomenológico ao autismo, exemplo de como as doutrinas filosóficas podem ser utilizadas com finalidade diagnóstica e terapêutica.

Posteriormente, Binswanger se interessa pela filosofia de Heidegger, concentrando sua atenção sobre o *Dasein* enquanto ser-no-mundo. Nem por isto ele se afasta de Husserl, buscando fornecer uma análise da temporalidade que evidencie os pontos de contato entre a posição husserliana e a heideggeriana: na dimensão do tempo imanente ele entende captar as razões dos distúrbios mentais, que não podem ser justificados apenas como distúrbios psíquicos, mas devem ser reconduzidos a dimensões existenciais profundas. Esta abordagem enraíza-se na compreensão correta do corpo vivo (*Leib*) de matriz husserliana: neste quadro deve ser entendido, após a aproximação com Heidegger, a volta de Binswanger a Husserl na obra *Melancolia e mania*. Por sua vez, Heidegger, como emerge nos seminários de Zollikon, recusa abertamente a tentativa de “análise psiquiátrica do *Dasein*” conduzida por Binswanger. O objetivo do psiquiatra suíço é o de elaborar – com base no ensinamento husserliano, mediado por Szilasi – uma psicopatologia fenomenológica que seja também uma psicoterapia: a circularidade entre método e fenômeno comprova o caráter não abstrato da investigação fenomenológica.

Retomando as teses de Bianca Maria d'Ippolito, Angela Ales Bello frisa que Binswanger, leitor agudo de Husserl, conseguiu compreender que a impositação fenomenológica não exclui a perspectiva antropológica, entendendo a dimensão transcendental como explicação da concretude existencial. Binswanger, portanto, atribui à centralidade husserliana da esfera dos *Erlebnisse* dupla importância para a psicopatologia: a centralidade dessa esfera orienta a impositação científica da pesquisa teórica; e também os efeitos no plano da práxis, como demonstram a afirmação da primazia do amor no nível ético-afetivo e a finalidade terapêutica.

Nessa perspectiva, Ales Bello defende que Bruno Callieri pode ser tomado como herdeiro de Binswanger, pela retomada de um “humanismo” que recusa todo reducionismo e toda absolutização e que une participação humana e conhecimento científico. Tal é a interpretação proposta por Angela Ales Bello no segundo capítulo da segunda parte de *Il senso dell'umano*: partindo de *Nihil praeter individuum*, um dos últimos escritos de Callieri, a autora mostra que esse médico, psiquiatra e psicopatologista apoia toda a sua indagação numa sólida base antropológica “em sentido filosófico”, numa compreensão global do ser humano. É necessário captar cada pessoa, na pluralidade de suas dimensões (corpórea, psíquica e espiritual), como uma unidade, uma singularidade irreduzível a ser considerada em cada circunstância, especialmente quando ela manifesta distúrbios mentais.

Callieri conheceu Binswanger, o seu “*Wegweiser*”, de modo indireto, pelas obras de Carniello e pela amizade com Lorenzo Calvi; chega, assim, até Husserl e Heidegger, os



mestres do autor. Não por acaso, Callieri cita, por exemplo, *Para uma antropologia fenomenológica*, uma coletânea de ensaios e conferências do psicopatologista suíço elaborados entre os anos 1920 e 1930 que testemunham o seu distanciamento da psicanálise freudiana, que considerara demasiado naturalista, e sua aproximação da proposta fenomenológica. Nesta ótica, a intuição da essência, o acesso à consciência, à esfera dos *Erlebnisse*, a evidenciação da constituição do mundo e de sua dimensão intersubjetiva: são todos elementos que permitem proceder na indagação do “sentido”, de ir às “coisas mesmas”. No caso da psicopatologia, isto significa alcançar uma compreensão das vivências do paciente no contexto de uma reconstrução fenomenológica de sua personalidade.

Retomando a questão da historicidade em Dilthey e, sobretudo, a noção husserliana de *Lebenswelt* e a noção de *Lebensgeschichte* analisada por Binswanger, Callieri afirma que o sentido de toda vivência deve ser entendido no seio da história de vida do paciente. De acordo com Ales Bello, a complexidade problemática do homem é conexas à sua história, ligada também à dimensão da narrativa, como Callieri evidencia em *Existência e narrativa*. Pelo caminho da fenomenologia, ele se interessa por temáticas como a intersubjetividade (que ele interpreta como interpessoalidade), a temporalidade, as dimensões das vivências, inserindo a psicopatologia num âmbito cultural mais amplo.

Na tentativa de compreender a pluralidade dos aspectos concernentes ao horizonte da psicopatologia, Ales Bello propõe um conjunto de critérios interpretativos, no terceiro capítulo da segunda parte do livro. O ponto de partida é uma reflexão acerca do significado do termo *psico-patologia*, que implica uma delimitação da indagação no nível psíquico e, especificadamente, no nível dos distúrbios psíquicos. Indagação que pressupõe a distinção entre o estado de doença e o estado de saúde e que, no plano filosófico, implica a tensão entre universalidade e singularidade. Neste sentido, os distúrbios mentais devem ser lidos como testes da relação entre a universalidade da estrutura e a singularidade da pessoa. A primeira questão a ser enfrentada é, portanto, a da identidade do sujeito: trata-se de uma indagação complexa e infinita que, conforme já assinalara Heráclito, deve ser sempre reiniciada.

Conforme observado por Husserl e Stein, esta análise da interioridade deve levar em conta a correlação entre consciência e os diferentes aspectos do eu, em primeiro lugar o eu puro, entendido como a capacidade de reconduzir a um ponto unitário tudo o que é vivenciado. Segundo Husserl, o fluxo de consciência constitui-se no fundamento último da temporalidade imanente. Portanto, o eu puro é enquanto identidade deste tempo imanente, ou seja, o eu permanece in cada ato mesmo que não seja parte real ou constitutiva dele.

Além do mais, a consciência registra os atos da psique e do espírito, contribuindo para distinguir os âmbitos no interior do sujeito. O indivíduo, tomado isoladamente, é, porém uma abstração: a segunda questão fundamental a tratar é, portanto, a da entropatia (*Einfühlung*), tema que interessou Husserl e Stein (em sua tese de doutorado). Trata-se de um



ato pelo qual posso me dar conta do outro, dele ser um ser humano como eu, um ser humano que vive experiências semelhantes às minhas. Tais experiências implicam toda a complexidade de nossas múltiplas dimensões: corpo material, organismo, ser vivo animado, ser espiritual.

O fato de sermos semelhantes, porém, não anula a singularidade de cada um: a terceira questão analisada concerne a “sentir” a singularidade, um sentimento que deve ser entendido como ato espiritual, “percepção” espiritual, utilizando uma expressão usada por Edith Stein para esclarecer com qual tipo de conhecimento estamos lidando, ou seja, um conhecimento espiritual que, sendo passível de erro, não é uma intuição intelectual clara e evidente. Portanto, a singularidade própria e dos outros não pode ser compreendida de modo pleno e perfeito: sempre há no indivíduo algo que excede, um “elemento único e real” que não pode ser universalizado.

Este nexos complexo entre singularidade e universalidade tem consequências no plano da psicopatologia. Segundo Ales Bello, Binswanger certamente foi o primeiro que soube captar as potencialidades implícitas na descrição fenomenológica do ser humano para a compreensão dos distúrbios psíquicos, propondo uma posição inovadora no que diz respeito ao processo diagnóstico-terapêutico. Callieri segue esta impostação, contrapondo-se a uma abordagem positivista da doença mental e distanciando-se não apenas da psicanálise, como também de todo modelo prefixado que ao se fechar em esquemas rígidos que não admitem exceções, não consegue captar a ductilidade da vida. .

Nesse sentido, o método husserliano apresenta-se como uma alternativa válida diante da insuficiência da abordagem naturalística e cientificista da psicoterapia. Seguindo esta linha, o último capítulo do livro ocupa-se da relação entre psicologia, psicopatologia e religião. O nexos é dado pelo fato que a dimensão religiosa também é parte constitutiva do ser humano, e, como tal, o interpela em toda a sua complexidade, incluída a psique. Com efeito, a atitude religiosa indica aquela tendência, inerente à natureza humana, de abertura para algo que vai além de si, não apenas em sentido horizontal – a transcendência do mundo da natureza – mas também em sentido vertical – a transcendência de uma potência, segundo a interpretação fornecida pelo historiador das religiões e fenomenólogo da religião Gerardus van der Leeuw.

O ser humano é capaz de reconhecer esta potência porque a vive em si mesmo, ao perceber sua identidade; sem confundi-la consigo mesmo, capta os traços dela. A singularidade do ser humano indica então uma identidade pessoal que se fundamenta em um princípio de ordem metafísica, princípio que está presente no homem e ao mesmo tempo o transcende. Existem indícios desse princípio identitário e da presença nele de uma transcendência, indícios que se referem à experiência de nossa permanência, experiência que envolve psique e intelecto. De modo geral, dado que a aceitação ou a recusa da abertura à



transcendência ocorrem na esfera psíquica e espiritual humana, pode-se falar tanto de uma psicologia e quanto de uma psicopatologia da religião.

A abordagem prevalente na psicologia da religião concebe a religião como uma concepção unificadora da vida e se interessa pelas reações psíquicas suscitadas pela atitude religiosa. Trata-se de uma disciplina recente: Ales Bello cita o americano G.W. Allport – considerado um dos fundadores – e o papel decisivo exercido pelo centro de pesquisa de Lovaina, especialmente por Antoine Vergote. Este último desenvolve um enfoque empírico no estudo da religião, interessado no modo como a experiência religiosa é vivenciada pelo sujeito. É significativa sua obra *Psicologia religiosa*, que evidencia como a investigação psicológica pode ser permeada pela postura religiosa: o homem sente a presença do divino, uma presença que pode ser aceita ou não conforme a influência de diversos fatores, também responsáveis pelas diferentes formas da aceitação transformar-se em recusa. Vergote estuda de modo particular as motivações psíquicas que fundamentam esta diversidade de comportamentos religiosos, frisando que ele não pode ser adquirido de modo rígido de uma só vez, mas que, ao contrário, é submetido a modificações internas concernentes à história individual do sujeito e a influências externas com base no fenômeno que Edith Stein chama de “contágio psíquico”.

Outra distinção é concerne à definição de religiosidade extrínseca e intrínseca conforme se trate da expressão de uma necessidade de segurança ou do reconhecimento da fé como valor que se traduz em um empenho. Em ambos os casos, é de qualquer forma implicada uma tomada de posição pessoal, sinal de uma atividade intelectual e voluntária livre: esta tomada de posição é chamada de “maturidade religiosa” por alguns pesquisadores, dentre eles Eugenio Fizzotti. Tal maturidade é entendida como fruto de um processo de amadurecimento que, conforme Mario Aletti, não é dogmática e sim aberta à indagação. Trata-se daquele conjunto de fenômenos que os fenomenólogos definem como espirituais: com efeito, para além das diferenças terminológicas podemos observar diversas afinidades entre a fenomenologia e as análises da psique e da experiência religiosa propostas pela psicologia da religião e pela psicopatologia da religião em particular. Acerca da psicopatologia da religião, juntamente a Freud e Jung, Ales Bello cita novamente Callieri: este autor aborda a questão da experiência religiosa não apenas sob o ponto de vista da patologia, como também da psicologia, buscando conciliar Husserl e a Escola da Gestalt, o conceito de consciência de significado anormal e a concepção da alteração das propriedades essenciais da percepção.

Nessa perspectiva, a referência ao sagrado é imprescindível: à escola fenomenológica cabe o mérito de ter recuperado a dimensão sacral-religiosa, interpretada por Callieri como uma presença viva e permanente em toda cultura, uma interrogação e um interrogar-se radical. É o caminho seguido também pelo psiquiatra e terapeuta Gaetano Benedetti, próximo das posições de Callieri e autor do livro *Riflessioni ed esperienze religiose in*



psicoterapia, onde coloca a hipótese de um encontro entre psicanálise e religião a partir da tomada de consciência da falta radical que se manifesta nos distúrbios psíquicos. Nesse sentido, a finalidade da terapia coincide com a redescoberta da função simbólica que permite distinguir entre si e o divino. Para além das diferenças, porém, o ponto de contato entre estas diferentes posições se encontra no reconhecimento de que a experiência religiosa não pode ser eliminada, dado seu enraizamento na natureza humana como tal. Conforme Ales Bello coloca no fim do livro, essas interconexões devem proporcionar o terreno para uma fecunda colaboração que, superando a rígida separação entre campos de investigação, seja capaz de recuperar a raiz comum das diversas ramificações do saber: recuperar o *sentido do humano*. É justamente nesta perspectiva que se pode compreender corretamente a contribuição decisiva que uma base teórica de cunho fenomenológico pode oferecer à psicologia e à psicopatologia.

Referências

Ales Bello, A. (2013). *Il senso delle cose: per un realismo fenomenologico*. Roma: Castelvecchi.

Ales Bello, A. (2014). *Il senso del sacro: dall'arcaicità alla desacralizzazione*. Roma: Castelvecchi.

Ales Bello, A. (2016). *Il senso dell'umano: tra fenomenologia, psicologia e psicopatologia*. Roma: Castelvecchi.

Nota sobre a autora

Alice Togni é graduada em filosofia pela Università di Pavia e atualmente cursa o Doutorado Internacional de Pesquisa "Filosofia: forma e história dos saberes filosóficos" na Università del Salento. E-mail: alice.togni01@ateneopv.it

Data de recebimento: 28/09/2016

Data de aceite: 20/10/2016